

LIÇÃO 06

AS CORTINAS DO TABERNÁCULO

12 de maio de 2019

Professor Alberto

TEXTO ÁUREO

“Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” (1 Co 10.11)



VERDADE PRÁTICA

Comparando as coisas simples do Tabernáculo com as celestiais, aprendemos as verdades que nos levam ao crescimento espiritual.

COMENTÁRIO DO TEXTO ÁUREO

“Ora, tudo isso lhes sobreveio como figuras, e estão escritas para aviso nosso, para quem já são chegados os fins dos séculos” (1 Co 10.11)

O contexto do nosso texto áureo está na Primeira Epístola do Apóstolo Paulo aos Coríntios, capítulo 10 entre os versículos 1 a 13, quando somos exortados a não tentar ao SENHOR, como alguns dos israelitas o tentaram.

Neste ensino podemos observar primeiramente a importância do Antigo Testamento, tendo seus relatos como fatos históricos que exprimem a pedagogia divina. Em segundo lugar o apóstolo apresenta a história do povo de Israel com seus erros e acertos como exemplo para a igreja, ele exorta aos cristãos para compreenderem o duplo significado dessa experiência dos israelitas no deserto, envolvendo tanto os que foram os personagens dos acontecimentos bíblicos, como todos os cristãos nascidos de novo, a fim de apreendermos com seus exemplos e experiências, trata-se portanto da pedagogia divina.

A palavra **Pedagogia** tem origem na Grécia antiga, **paidós** (criança) e **agogé** (condução). O termo **pedagogo** surgiu na Grécia Clássica, da palavra **παιδαγωγός** cujo significado etimológico é preceptor, mestre, guia, aquele que conduz; era o escravo que conduzia os meninos até o **paedagogium** (edifício ou parte da casa patronal onde se realizava uma primeira alfabetização, local onde se ministrava conhecimentos e práticas diversas). O termo pedagogia, somente generalizou-se na acepção de elaboração consciente do processo educativo a partir do século XVIII, na Europa Ocidental.

O termo pedagogia divina vem de Irineu de Lyon, um dos pais da Igreja cristã. Viveu no século II e é considerado o primeiro teólogo da Igreja. Suas obras são **“Adversus Haereses”** e **“Demonstração da pregação apostólica”**.

Irineu de Lyon expressou no que chamou de pedagogia divina a ação e iniciativa de Deus na história humana, respeitando a liberdade do ser humano e seu processo de perfeição.

Os dois agentes desta pedagogia divina são o **Logos** divino e o **Pneuma**, o Espírito Santo. (cf. obra **Patrística caminhos da tradição cristã**, ed. Paulus, p. 89).

Deus, por sua iniciativa, se auto revela ao ser humano, e, também, conduz o ser humano para sua salvação, mas respeitando a condição histórica do ser humano.

Deus comunica-se gradualmente com o homem, prepara-o por etapas a acolher a Revelação sobrenatural que faz de si mesmo e que vai culminar na Pessoa e na missão do Verbo encarnado, Jesus Cristo.

Irineu fala repetidas vezes desta pedagogia divina sob a imagem da familiaridade mútua entre Deus e o homem: *“O Verbo de Deus habitou no homem e fez-se Filho do homem para acostumar o homem a apreender a Deus e acostumar Deus a habitar no homem, segundo o beneplácito do Pai”*.

É no estudo da Bíblia que podemos ver em ação essa pedagogia divina em funcionamento.

A história do povo de Israel com suas inspirações, traições, lutas, erros e acertos etc. se torna, assim, como que a argila em que Deus modela sua obra. Faz uso desta pequena parcela dos homens, regionalmente determinada, para tentar atingir todos os povos do mundo.

Os autores bíblicos, principalmente, após o exílio da Babilônia, tendo uma visão mais amadurecida, tem plena consciência desta ação modeladora e pedagógica de Deus sobre Israel.

Deus quis colaborar com o povo, apresentou a ele valores a serem vivenciados muito diferente dos vividos pelos povos vizinhos, isto de acordo com uma Aliança firmada entre ele e os patriarcas do povo.

Esta Aliança é recordada, constantemente, pelos profetas durante a monarquia e pela tradição sacerdotal após o exílio, para tanto, se reconstruiu a história dos patriarcas, já contendo esta visão teológica.

Os ídolos, e a elite poderosa por trás do uso dos ídolos, aparecem neste contexto, como aqueles que vão contra os ensinamentos da Aliança. Desvirtua o povo contra os valores propostos pela Aliança, fazendo o povo retornar aos costumes dos povos vizinhos.

O empenho de Deus para que Israel não voltasse atrás foi contínuo, mas o pecado de Israel foi insistente. Culminou em várias tragédias: os traidores engolidos no deserto (Ex 16), as constantes idolatrias na época dos Juízes (Jz 2,16-17), os reis e os ricos que se voltavam para os ídolos esquecendo o Deus de Israel, levando a destruição de Jerusalém (2 Cr 36, 13-21).

Deus fiel a si mesmo, sempre mantém um caminho de graça, tendo uma pessoa ou um grupo como exemplo, Noé, Josué e Calebe, Esdras e Neemias, os expatriados na Babilônia.

Portanto a história do povo de Israel registrada no Antigo Testamento ficou registrada como advertência exemplar aos crentes do Novo Testamento contra o pecado e o cair da graça: *“Aquele, pois, que cuida estar em pé, olhe não caia. Não veio sobre vós tentação, senão humana; mas fiel é Deus, que não vos deixará tentar acima do que podeis, antes com a tentação dará também o escape, para que a possais suportar” (1 Co 10.12-13).*

LEITURA BÍBLICA EM CLASSE

Êxodo 26.1-14

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Abaixo, os objetivos específicos referem-se ao que o professor deve atingir em cada tópico. Por exemplo, o objetivo I refere-se ao tópico I com os seus respectivos subtópicos.

I.- Classificar a coberta e as cortinas do Tabernáculo;

II.- Descrever a simbologia das cortinas do Tabernáculo;

III.- Expor o significado simbólico das cores das cortinas do Tabernáculo.

INTERAGINDO COM O PROFESSOR

Na lição passada estudamos a relação da Pia de Bronze com a vida de pureza e santidade do crente em tempos contemporâneos.

Vimos também a importância dessa doutrina para o dia a dia da vida cristã.

Nesta lição, porém, estudaremos a relação das cortinas do Tabernáculo com as verdades espirituais.

Nosso objetivo é extrair dessa comparação, lições que edifiquem a nossa vida cristã.

Veremos que Deus, ao longo da revelação das Escrituras Sagradas, sempre usou coisas simples para ensinar verdades espirituais.

Foi assim no Antigo Testamento, bem como no Novo Testamento e, especialmente, no ministério de Jesus Cristo.

Suas parábolas são provas cabais desse tipo de ensinamento.

COMENTÁRIO

INTRODUÇÃO

As cortinas do Tabernáculo têm muito a dizer-nos acerca da maravilhosa obra redentora de Cristo.

Pelas suas estruturas, simbologia e cores, veremos como esse utensílio importante do Tabernáculo se fez figura e estímulo para adentrarmos à presença de Deus de maneira confiante e ousada.

PONTO CENTRAL

As cores das cortinas do Tabernáculo apontam para a nossa salvação.

I – AS COBERTAS E AS CORTINAS DO TABERNÁCULO

Embora fosse complexa em detalhes e específica nos materiais e cores, a estética do Tabernáculo tinha de apresentar uma leitura fácil, pois a montagem e desmontagem do santuário tinham de ser de acordo com a simplicidade do cotidiano da vida no deserto.

As cobertas e as cortinas do Tabernáculo estavam assim classificadas:

1. A coberta exterior.

A coberta era feita de peles de animais marinhos (texugos ou golfinhos).

O desenho não expressa beleza exterior ou algo que chamasse a atenção.

Tratava-se de um material para resistir as intempéries do deserto; era rústico.

A estrutura na qual repousava a coberta era feita de madeira de acácia e revestida com ouro para sustentá-la (Êx 26.18-30).

Ora, imagine uma estrutura de madeira de acácia forrada com ouro por dentro e coberta de peles de animais diversos por fora.

Assim era o Tabernáculo. É inevitável não correlacionar a estética exterior do Tabernáculo com a humanidade do nosso Salvador, Jesus Cristo, que se fez carne entre nós (Jo 1.14).

A profecia de Isaías acerca da humanidade de Jesus é vívida: ***“Porque foi subindo como renovo perante ele e como raiz de uma terra seca; não tinha parecer nem formosura; e, olhando nós para ele, nenhuma beleza víamos, para que o desejássemos” (53.2).***

2. As cortinas internas.

Por baixo da cobertura exterior havia uma cobertura de peles de carneiro tingidas de vermelho (v.14).

Por debaixo das peles de carneiro, havia outras cortinas feitas de peles de cabras brancas, sem ser tingidas (26.7-13).

Por último, havia uma quarta cortina que podia ser vista somente do lado de dentro do Tabernáculo.

Era uma cortina feita de linho branco e fino com bordados das figuras de querubins (26.1-6). Suas cores eram púrpura, escarlata e azul.

A visão dessa cortina lembrava o céu de glória (Jo 14.1-3).

Toda essa imagem nos aponta alguns símbolos importantíssimos:

1) a cobertura tingida de vermelho aponta para Cristo e seu sacrifício na cruz, pois o vermelho é o símbolo do sangue de Cristo para a remissão do pecado;

2) as cortinas feitas de peles de cabras brancas, sem serem tingidas, revela uma ideia de pureza e justiça do nosso Salvador (2 Co 5.21; Fp 3.9); 3) a última cortina revela a natureza dos seres angelicais que servem junto ao Trono de Deus. Assim, o Tabernáculo tipificava a morada de Deus e as características redentoras e salvíficas expressas na obra expiatória de Jesus Cristo (Sl 32.1,2; Rm 4.6-8).

SÍNTESE DO TÓPICO (I)

A cobertura e as cortinas do Tabernáculo estavam classificadas em “cobertura exterior” e “cortinas internas”.

SUBSÍDIO DIDÁTICO-PEDAGÓGICO

Ao introduzir o assunto acerca da cobertura e das cortinas, reproduza a imagem desta página. Enfatize aos alunos o cortinado do pátio, a cobertura

exterior sobre o santuário e as cortinas internas.

Essa imagem reforçará a ideia sobre a estética do santuário divino.

Todo o cortinado do Tabernáculo era colorido.

As cores sempre tiveram uma significação especial na cultura do povo judeu.

A diversidade dessas cores, bem como a matéria-prima material, apontava para uma completude salvífica.

Refletir sobre a completa obra da salvação é o nosso objetivo.

Por isso a imagem abaixo está disponível para guiar os alunos neste entendimento.

É uma maravilhosa oportunidade para refletir sobre a salvação.

II. O CORTINADO DO PÁTIO DO TABERNÁCULO

1. A simbologia descritiva das cortinas do Tabernáculo.

Descrever a importância das cortinas do Tabernáculo e não considerar seu valor espiritual e tipológico significa ignorar o propósito integral do texto narrativo acerca do santuário.

Ora, a precisão dos detalhes de cada peça e material usados para construir o Tabernáculo servia de ensino das verdades acerca das coisas espirituais.

Por isso, a madeira, metais, tecidos e tintas especiais usadas no Pátio do Santuário remontam a uma tipologia singular com relação a pessoa e obra de Jesus, o Senhor e Redentor nosso.

2. O significado de separação.

O ambiente entre a cerca e o Tabernáculo era o pátio.

Havia um cortinado branco de linho fino torcido que tinha por objetivo fazer a separação dos pecadores.

Para adentrar ao Pátio, o pecador deveria levar a sua oferta pelo pecado. Assim, as cortinas faziam a separação entre o santo e o profano (Êx 38.9-13).

Nesse sentido, a imagem do cortinado de linho torcido simboliza a pureza de Deus num mundo de impurezas.

É o símbolo da santidade e pureza de Jesus, pois, como homem, nosso Senhor não teve mácula, conforme Ele mesmo indagou de seus opositores: **“Quem dentre vós me convence de pecado?” (Jo 8.46).**

Aqui, há uma distinção importante que deve ser feita em relação à Antiga Aliança: na Nova Aliança, a Igreja de Cristo não se fecha dentro de uma “cerca”, mas está pronta para receber qualquer tipo de pecador, uma vez arrependido, que confessa o senhorio de Jesus Cristo em sua vida.

3. O significado de santidade. Santidade é a separação absoluta do pecado e dedicação exclusiva a Deus.

Por isso, as cortinas da cerca do Pátio e do Tabernáculo, bem como tudo dentro dele, revelam santidade.

Não podemos jamais desconsiderar a seriedade do chamado para vivermos uma vida santa.

Os tempos atuais nos desafiam a viver um estilo de vida na presença de Deus, manifestando a santidade e a pureza de Cristo Jesus.

Ter a consciência da santidade bíblica significa ter a disposição para viver na contramão do mundo (1 Jo 2.15).

SÍNTESE DO TÓPICO (II)

A simbologia das cortinas do pátio traz o ensino bíblico da separação entre o santo e o profano.

SUBSÍDIO VIDA CRISTÃ

“Santificados pela Cruz

Jesus ainda faz a mesma oração hoje em dia, para que todo crente seja santificado.

A santificação nos torna um com o Senhor Jesus (Hb 2.11) e nos faz santos como Jesus.

Paulo escreve em 1 Tessalonicenses 4.3: ***‘Esta é a vontade de Deus, a vossa santificação’. Assim, é da vontade de Deus que todas as almas sejam salvas de todos os pecados - os atuais e o original. Os pecados atuais são os que cometemos voluntariamente, ao passo que o pecado original é o que herdamos do primeiro Adão. Todo pecado é limpo pelo sangue de Jesus Cristo. Temos de morrer para o velho homem. ‘Sabendo isto: que o corpo do pecado seja desfeito, a fim de que não sirvamos mais ao pecado’ (Rm 6.6).***

Deus está chamando o seu povo à verdadeira santidade nestes dias.

Agradecemos a Ele pela bendita luz que está nos dando. ***‘De sorte que, se alguém se purificar destas coisas, será vaso para honra, santificado e idôneo para uso do Senhor e preparado para toda boa obra’ (2 Tm 2.21).***

Ele quer dizer que temos de ser purgados da impureza e de todos os tipos de pecado.

A santificação nos torna santos e destrói a linhagem do pecado, o amor ao pecado e a carnalidade.

Ela nos purifica e tornamos mais brancos que a neve”.

(SEYMOUR. Devocional: **O Avivamento da Rua Azusa**. Série: Clássicos do Movimento Pentecostal. Rio de Janeiro: CPAD, 2003, pp.123-22).

III. AS CORES DAS CORTINAS DO TABERNÁCULO

1. O significado especial das cores.

As cores usadas na estrutura do Tabernáculo tinham um significado especial.

Por meio delas, o povo de Israel perceberia o símbolo da manifestação da glória de Deus nos sacrifícios que fossem apresentados.

Havia uma ordem em que as cores eram mencionadas:

(1) azul;

(2) púrpura;

(3) carmesim;

(4) branco.

Essas cores estavam na porta de entrada que dava acesso ao lugar sagrado, onde, por meio do ministério do sacerdote, o pecador encontrava-se com Deus.

Assim, toda vez que alguém entrava por essa porta, deparava-se com a simbologia das cores.

Para nós, os discípulos de Cristo, essas cores apontavam para a obra de Cristo que envolve a remissão do passado, do presente e do futuro.

É a obra completa da salvação.

2. A cor azul celeste (Êx 27.16).

É uma cor que remete ao céu e indica a origem celestial de Cristo e sua divindade.

Nosso Senhor era verdadeiramente homem e verdadeiramente Deus. Ele veio do céu, mas fez-se homem na Terra (Jo 1.14).

Depois da sua ressurreição e vitória contra a morte, Ele foi recebido no céu, reavendo aquela mesma glória de antes que o mundo existisse (Jo 17.5 cf. Fp 2.5-11; Ef 1.20-23).

Por intermédio do Espírito Santo, nosso Senhor edifica e zela pela sua Igreja, a Noiva em que um dia brevemente buscará (Hb 12.24; Jo 17.9,20; Rm 8.34; 1 Ts 4.16,17).

3. A cor púrpura (Êx 27.16).

A púrpura era um tecido roxo obtido de moluscos que estão no fundo dos mares.

É uma cor que remete à ideia de realeza e que aponta para o futuro.

Em relação a Cristo, a cor é uma figura da realeza e divindade de Jesus (Ef 1.20,21), bem como a sua manifestação triunfal para implantar o Reino Milenial (Sl 110; Is 9.6; Lc 1.32).

O nosso Deus jamais perdeu o controle da história!

4. A cor escarlata (carmesim) (Êx 27.16).

O carmezim é uma cor de sangue, vermelho vivo.

Se, por um lado, a cor projeta o vitupério do Calvário e o triunfo da obra salvífica de Cristo, por outro, ela aponta para a glória vindoura do reinado do **“Rei dos reis e Senhor dos senhores”** (Zc 14.9; 1 Tm 6.14,15; Ap 19.11-16).

Nosso Senhor sofreu, foi ferido e derramou seu sangue redentor como nos revela Apocalipse 19.13: **“E estava vestido de uma veste salpicada de sangue, e o nome pelo qual se chama é a Palavra de Deus”**.

5. A cor branca do linho torcido.

Em ponto anterior, tratamos dessa cor para falar da santidade de Cristo.

Num sentido especial, o linho torcido é o tecido rústico e batido que lembra a humanidade de Jesus e seu sofrimento em nosso lugar.

Lembra também o fato de que a morte de Cristo tornou-se o fundamento da justiça em nosso favor (1 Pe 1.18,19; Ap 1.5).

SÍNTESE DO TÓPICO (III)

As múltiplas cores das cortinas do Tabernáculo apontam para a obra completa da salvação.

SUBSÍDIO VIDA CRISTÃ

“Até à Morte

Chegamos à última noite da vida do Senhor.

Ele está com os discípulos no Cenáculo.

Aqui acontecerá o ato final entre eles, a consumação de toda a sua vida.

Há um detalhe nesse ato que o Senhor não deixou claro para muitos.

Eles se sentaram em volta da mesa para cearem.

Jesus tomou o pão, partiu-o e os instruiu a tomar e comer.

O que Ele quis dizer com isso? Considerando que Ele estava presente na carne, qual foi o significado de partilhar o pão?

Através deste ato, o Senhor Jesus Cristo declarou diante de Deus, diante dos anjos e diante dos homens que Ele não hesitaria em morrer pelo mundo.

Não havia limites. Ele seria fiel até à morte.

Assim como Ele tinha sido fiel em vida e vivido cada dia consciente de tudo o que acontecia ao seu redor, agora Ele cravaria o seu inteiro na cruz. Seria fiel até à morte.

O real propósito de tornar-se cristão não é tão somente ser salvo do inferno e ir para o céu.

É tornar-se filho de Deus, assumir o caráter de Jesus Cristo para permanecer diante dos homens, e, caso necessário, até ser sentenciado à pena máxima, à morte, recusando-se a pecar, não aceitando curvar a cabeça diante de Satanás, preferindo morrer a desonrar o Filho de Deus.

Se o caráter de Jesus Cristo entrou em você e em mim, então, em termos de propósito, isso nos tornou como Ele.

Fez-nos de fato como Ele. Bendito seja Deus! O seu Espírito nos é dado. Bendito seja Deus!

O seu Espírito nos é dado. Bendito seja Deus por essa mesma fidelidade inextinguível que caracterizou o Filho de Deus”.

(LAKE, John G. Devocional. **Série: Clássicos do Movimento Pentecostal**. Rio de Janeiro: CPAD, 2001, pp.51-52).

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O autor da Epístola aos Hebreus exorta-nos a chegar com confiança ao trono da graça, pois assim alcançaríamos misericórdia e acharíamos graça para, num tempo oportuno, sermos auxiliados (4.16).

Jesus, o Sumo Sacerdote perfeito, deu-nos esse privilégio para desfrutarmos da presença santa de Deus mediante a fé.

Não tenhamos receio de adentrar a presença santa do Pai!

Assista a aula-vídeo no site:

www.professoralberto.com.br